

Entrevista com a arquiteta Dora Alcântara

Interview with architect Dora Alcântara

Janaína Ayres¹

Helena Mendes dos Santos²



1. Como a sra. vê a atual situação do patrimônio azulejar no Brasil? As restaurações têm se mostrado eficazes para o mantenimento das obras?

¹ Possui Graduação em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998); Mestrado em Artes Visuais na linha de pesquisa de História e Crítica da Arte, pela EBA/UFRJ (2009); Pós-graduação (latu-sensu) em História da Arte Sacra na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2011); e Doutorado em Artes Visuais na linha de pesquisa de História e Crítica da Arte, pela EBA/UFRJ (2014), como bolsista da CAPES e com bolsa sanduíche concedida pelo CNPq, em Portugal. Atualmente, cursa o pós-doutorado em História pela FAFICH, UFMG. Integra o grupo de pesquisa Perspectiva Pictorum, FAFICH – UFMG. Ex- membro do Conselho Estadual de Tombamento - INEPAC - SECEC, RJ. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Arte, História da Arte Colonial, História da Arte Sacra, Pintura de Perspectiva e Geometria Descritiva.

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFF), graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Técnica do Iphan, atuou na área de estudos e pareceres de tombamento de bens culturais e fez parte da equipe de docentes do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural-IPHAN. Áreas de atuação: Estudos e pesquisas sobre bens culturais, pareceres de tombamentos de bens imóveis e sítios urbanos.

DA – O patrimônio azulejar brasileiro começa com a herança colonial, quando os azulejos vieram de Portugal, durante os séculos XVII, XVIII e XIX. Esse patrimônio vai ter uma continuidade com a produção brasileira com os azulejos que começam a aparecer, por exemplo, no prédio que abrigou o então Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema, com os azulejos de Cândido Portinari, e em outros edifícios que foram construídos posteriormente. Acho que é esta a contribuição nossa, brasileira.

Eu não estaria tão atualizada para comentar sobre as últimas produções, mas elas ainda continuam a acontecer. Então, esse é o panorama do nosso azulejo que tem uma fase colonial e uma fase nossa, mais atual que corresponde exatamente à modernidade da nossa arquitetura. Eu entendo que, de certa forma, há toda uma continuidade, porque os azulejos sempre obedeceram ao estilo da arquitetura onde eles eram colocados e agora isso continua acontecendo, como no antigo Ministério e em vários edifícios onde ele tem sido utilizado.

Quanto ao estado de conservação, eu não estou tão a par, porque não sei quem são os restauradores, se têm feito muito trabalho, enfim, eu não tenho acompanhado este aspecto.

2. Qual a diferença entre o significado dos conjuntos azulejares da época colonial em relação aos atuais?

DA - Creio que esta questão eu, de certa forma, comecei a responder já na primeira pergunta, quer dizer, sempre o estilo do monumento, da igreja, do palacete, mais tarde do edifício, vai corresponder, mais ou menos, ao estilo do azulejo. Assim, por exemplo, na Igreja da Glória do Outeiro, situada no Rio de Janeiro, é possível observar que ela ensaia uma arquitetura movimentada, saindo daquela forma muito retangular, embora ainda usando linhas retas e não curvas, não fazendo uma planta curvilínea, mas ela ensaia, pelo menos, uma poligonal, o que dá um movimento maior. E a azulejaria que está no seu interior é uma azulejaria Barroca, portanto, é alguma coisa que procura seguir a mobilidade da

arquitetura, então há uma correspondência desse ponto de vista. E, como no já mencionado Palácio Gustavo Capanema, por exemplo, a azulejaria que aparece ali, embora conserve princípios da azulejaria portuguesa, de escala e de composição, é utilizado em um estilo, em uma linguagem que corresponde à linguagem do edifício.

3. Poderia traçar uma breve trajetória do azulejo desde a Metrópole até o mundo colonial Luso-Brasileiro?

Essa pergunta corresponderia a uma longa resposta, para fazê-la breve talvez fique um pouquinho forçado, mas digamos que em Portugal o azulejo começa a entrar no país e, sobretudo, ganha uma importância muito grande, eu diria que desde o século XVI, quando D. Manuel vai à Espanha, ele fica encantado com a cidade de Granada, com os azulejos levados pelos mulçumanos para a Espanha e já produzidos em Espanha, e faz encomendas desses azulejos para Portugal. E já vem de lá o azulejo *alicatado mudéjar* que é um pouco diferente do que ele tinha visto, mas que dá uma sensação muito próxima como composição, como gosto, como motivo de decoração. Depois em Portugal o azulejo vai tomar um caráter próprio, se constituindo numa azulejaria muito simples, geométrica, mas com efeitos muito interessantes. Já chegando próximo ao século XVIII os grandes mestres começam a se interessar pela azulejaria e surge uma produção muito interessante, já nesse período, inclusive, de retratos, com emolduramentos especiais etc. Esse Barroco tardio que começa em Portugal, já no século XVIII, vai ter uma continuidade durante o período de D. João V, em que a azulejaria barroca reveste um grande número de igrejas em Portugal. Mesmo anteriormente, já havia um número bastante razoável de edifícios revestidos com azulejos, mas depois esse gosto vai para Portugal e vem para o Brasil, também, já no século XVII e depois, no século XVIII, essa azulejaria é importada em boa quantidade para as nossas igrejas. A seguir, na segunda metade do século XVIII veio a influência do Rococó, com um motivo muito mais delicado na composição dos

azulejos e, por fim, o Neoclássico da D. Maria I que vai até o início do século seguinte, quando então os azulejos são utilizados na fachada dos prédios e com uma técnica mais mecanizada. Aqui no Brasil essa retomada pelo gosto do azulejo – que depois também é importado de vários lugares: Alemanha, França, Bélgica e Holanda – vai, sobretudo, tomar um vigor maior com o movimento Neocolonial onde alguns painéis feitos aqui começam a ser usados com mais frequência nos prédios. E eles vão ganhar um aspecto ainda mais pujante quando começam a ser utilizados nos monumentos da nossa arquitetura brasileira moderna, por exemplo, no já citado Palácio Gustavo Capanema, cujos painéis guardam motivos de composição portuguesa, mas com uma versão, uma linguagem bastante contemporânea, como os de Portinari. E outros pintores de azulejos vão surgir aqui, na Bahia, em Pernambuco, enfim, há uma azulejaria nossa depois de ter passado por um vasto período de azulejaria de fachada. Então eu acredito que isso possa dar um significado novo. Atualmente, ainda existem composições novas e compositores novos, eu tenho seguido menos de perto, por isso, não sou a pessoa mais indicada para falar sobre o que está sendo feito contemporaneamente.

4. Em Portugal os azulejos cumprem função identitária. E no Brasil, o significado se mantém?

Quanto ao caráter identitário, de certa forma, acredito que sim, não diria que é na mesma proporção que, por exemplo, ocorre em Portugal, mas acredito que chegue a ser identitário, também, como são identitários os monumentos e todas as raízes que nos ficaram da arquitetura portuguesa, porque os azulejos que chegaram em Portugal, vieram da Espanha, portanto, o fato de provir de outro país, de outra identidade nacional não significa que não seja ou não possa ser igualmente identitário, indo para Portugal e de lá vindo para o Brasil. Não na mesma proporção, sem dúvida, não com a mesma criatividade que teve lá, no período do século XVIII, mas de qualquer forma, ainda é, como a arquitetura

colonial e de raízes coloniais. Acredito que corretamente, se possa fazer essa afirmação.

5. Seria possível afirmar que a prática dos revestimentos azulejares nos exteriores das arquiteturas se fortaleceu na colônia, e daqui partiu para Portugal?

Quanto à esta pergunta, eu francamente fico em dúvida. O engenheiro João Miguel de Santos Simões, que foi a primeira grande autoridade em azulejaria portuguesa, afirmava que o azulejamento de fachada havia começado aqui no Brasil. Quando eu fui estudar azulejaria brasileira, mais especificamente a azulejaria de fachada, em Lisboa, em 1969 - junto à “Brigada de Estudos de Azulejaria”, da Fundação Calouste Gulbenkian”, coordenada pelo professor Santos Simões -, eu procurei um dado concreto que pudesse reafirmar o que meu mestre havia me ensinado, só que não encontrei nenhuma informação a este respeito e fiquei achando que não, que teria começado em Portugal, e como o Brasil sempre copiava aquilo que havia da metrópole, teria se passado para o Brasil. Mais recentemente, tive notícias de que havia sido encontrada uma data, não sei se de alguma casa vendedora de azulejos – e não sei de que forma foi encontrada essa data – que é anterior a qualquer outra data que eu conheça em Portugal. De modo que pode ser que o velho mestre mais uma vez tenha tido razão ao afirmar que essa prática tenha começado aqui no Brasil, mas eu não me sinto autorizada a afirmar isso categoricamente, a não ser através dele e dessas descobertas novas e que eu gostaria, inclusive, de retomar o conhecimento, mas que perdi o dado básico. É o que eu posso dizer.

Respostas enviadas no dia 30 de Julho de 2024;
Transcrição; revisões e correções concluídas em 12 de agosto de 2024.